





IDENTIDADE, TERRITÓRIO E CONSERVAÇÃO: EXPERIÊNCIAS EMPÍRICAS DE PESQUISA EM QUILOMBOS DO VALE DO RIBEIRA/SP

IDENTITY, TERRITORY AND CONSERVATION: EMPIRICAL RESEARCH EXPERIENCES IN QUILOMBOLA COMMUNITIES OF THE RIBEIRA VALLEY (SAO PAULO - BRAZIL)

Manoela Olegário  

Universidade Federal Rural de Pernambuco-UFRPE

Marcelo Niver Schlindwein  

Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)

Resumo: Este artigo parte de uma experiência etnográfica com comunidades quilombolas do Vale do Ribeira (SP) para refletir sobre os entrelaçamentos entre identidade, território e práticas de conservação. Através da análise de registros em caderno de campo, entrevistas e observação participante, discute-se como os saberes locais moldam formas singulares de relação com a paisagem, confrontando lógicas extrativistas e conservacionistas. São resultados a identidade como ferramenta política; a representação de gênero nas práticas tradicionais e articulações entre conservação e população local, a partir de manejo horizontal. Ao enfatizar a bioculturalidade, a autonomia territorial e a agenda política das lideranças quilombolas, argumenta-se que a etnobiologia pode e deve articular na denúncia da imposição do modelo civilizatório que instrumentaliza territórios e ignora formas plurais de vida. Assim, propõe-se uma ciência comprometida com a transformação da realidade e epistemologias contra-hegemônicas.

Palavras-chave: Conservação. Etnobiologia. Representatividade. Diversidade Biocultural.

Abstract: *This article draws on an ethnographic experience with quilombola communities in the Ribeira Valley (São Paulo State, Brazil) to reflect on the interconnections between identity, territory, and conservation practices. Through the analysis of field notebook records, interviews, and participant observation, it discusses how local knowledge shapes singular ways of relating to the landscape, confronting extractivist and conservationist logics. The results highlight identity as a political tool; gender representation in traditional practices; and articulations between conservation and local populations based on horizontal management. By emphasizing bioculturality, territorial autonomy, and the political agenda of quilombola leadership, the article argues that ethnobiology can and should contribute to denouncing the imposition of a civilizational model that instrumentalizes territories and ignores plural forms of life. Thus, it proposes a science committed to the transformation of reality and to counter-hegemonic epistemologies.*

Keywords: *Conservation. Ethnobiology. Representativeness. Biocultural diversity.*

INTRODUÇÃO

Os estudos Etnobiológicos segmentados por fases são descritos de acordo com o foco de suas pesquisas e intervenções ao longo do tempo (Hunn, 2007). Os trabalhos inicialmente voltados a descrições taxonômicas e ecológicas (dos anos 1895 a 1960, fases I e II) passaram a abordar dimensões culturais e articular-se com práticas locais de povos e comunidades tradicionais (1970 a atualidade, fases III a VII) (Hunn, 2007; Wolverton *et al.*, 2014; McAlvay *et al.*, 2022).

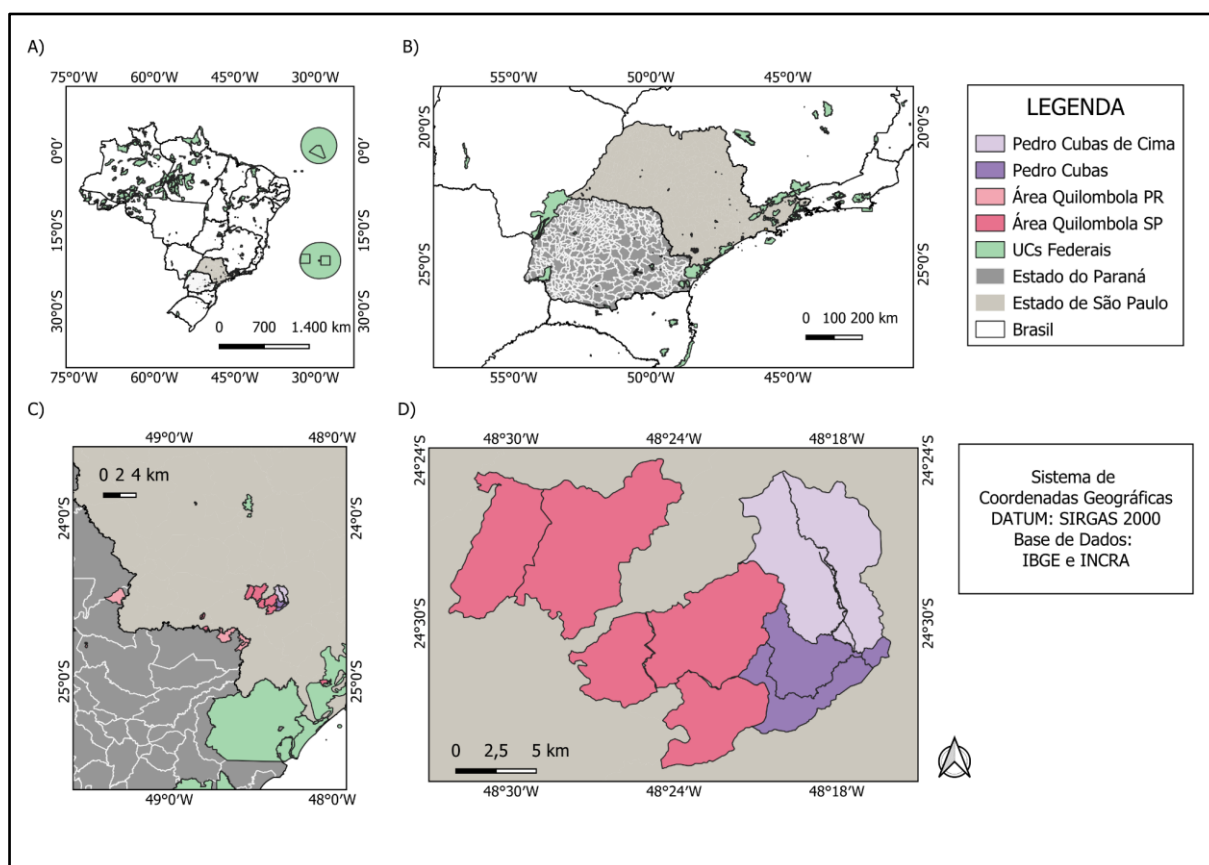
Trata-se de uma área interdisciplinar que abrange metodologias participativas provenientes da Antropologia e Psicologia (como a etnografia e a fenomenologia) (Wolverton *et al.*, 2014; Cantalice, 2024), focadas em captar diferentes percepções e uso da paisagem (Hunn, 2007; Holbraad & Pedersen, 2017; Ingold, 2021; Martinelli; Euzébio, 2022). Hoje, é possível traçar estratégias de conservação (Hanazaki, 2003), promover justiça socioambiental (Hunn, 2007, Gagnon; Berteaux, 2009; Ferdinand, 2022) e colaborar na construção políticas públicas (Albuquerque *et al.*, 2024) a partir de perspectivas decoloniais e contracoloniais (McAlvay *et al.*, 2021; Ferdinand, 2022; Albuquerque *et al.*, 2024, Cantalice *et al.*, 2024).

Nessa perspectiva, o modelo de conservação *down to top* (de baixo para cima), permite que as produções etnobiológicas sirvam de alicerce para que os planos de manejo sejam “de perto e para dentro” (Magnani, 2002, 2009). Quando as pesquisas, a partir do cuidado e afeto, trazem as práticas tradicionais como detenção do saber e poder, acabam por fortalecer a luta por direitos desses povos em diversas esferas (Maso 2001; Magnani, 2002; Rufino, 2019).

Para mergulhar nesta perspectiva, foi realizado um resgate simples das narrativas quilombolas do Vale do Ribeira (estado de São Paulo) que circundam sentimentos de vínculo com a paisagem, pertencimento ao território e relações bioculturais no maior trecho contínuo da Mata Atlântica brasileira (Prado *et al.*, 2022; ISA, 1998). Essas, aqui articuladas e discutidas com registros de campo e o apoio da literatura etnobiológica (McAlvay *et al.*, 2021; Ferdinand, 2022; Albuquerque *et al.*, 2024), reconhecem o montante constituinte da identidade quilombola como poder transformador. Assim, se torna possível incentivar intervenções aprofundadas aos contextos locais para além da proteção da natureza, articulado com e a partir dos povos e comunidades tradicionais (Twyman, 2017; Duarte; Nunes, 2020; Martinelli; Euzébio, 2022).

ÁREA DE ESTUDO

O Vale do Ribeira, o maior trecho contínuo de Mata Atlântica do Brasil, foi acolhido como região de desenvolvimento da pesquisa, afunilando para os quilombos locais. As comunidades remanescentes de quilombolas que fizeram parte do universo empírico do projeto denominam-se Pedro Cubas e Pedro Cubas de Cima (PC e PCC) (Mapa 1). Localizadas no município de Eldorado, acompanham a bacia hidrográfica do Rio Ribeira de Iguape entre o sudeste do estado de São Paulo e leste do estado do Paraná, compreendendo o Mosaico de Unidades de Conservação do Jacupiranga, uma rede de 13 Unidades de Conservação (Andrade; Tatto, 2015). No ano de 1999, a Unesco reconheceu a região como patrimônio natural, cultural e socioambiental da humanidade (Tatto; Gazetta, 2009).



Mapa 1: Região abrangente das comunidades estudadas. Elaborado pela autora (2024).

A constituição histórica e geográfica dos quilombos locais se deu principalmente pelo Vale do Ribeira ter sido abraçado como refúgio de povos colonizados do continente africano (Queiroz, 2006). Parte da ocupação se deu à doação de terras doadas por fazendeiros e pela fuga dos negros em meio às matas e margem de rios. Outros imigrantes também se

estabeleceram na região, como japoneses, indígenas e caiçaras (mais ao litoral), demarcando a diversidade sociocultural local (Santos; Tatto, 2008).

A literatura traz a extensão territorial de Pedro Cubas com 2.443,7210 hectares (Santos; Tatto, 2008), enquanto a população local é de aproximadamente 51 famílias (139 pessoas) (Andrade; Tatto, 2015) Pedro Cubas de Cima conta com uma extensão de 7.002,8535 hectares e população local de 35 famílias (67 pessoas), ambas compostas principalmente por agricultores (ISA, 1998; Prado, 2016). Aqueles que não exercem atividades geradoras de renda, contam com o auxílio do Governo como Bolsa Família ou aposentadoria (Santos & Tatto, 2008; Prado *et al.*, 2022). Cerca de 10% da população das duas comunidades são maiores de 60 anos, e aproximadamente 50% é composta por crianças e jovens de até 15 anos (Andrade; Tatto, 2015).

Pedro Cubas e Pedro Cubas de Cima passaram por episódios migratórios que resultaram em mudanças de dinâmicas sociais e culturais, influenciadas pelo contexto urbano (Santos; Tatto, 2008; Adams *et al.*, 2013). A busca por oportunidades de trabalho e melhores condições de vida, construções de estradas de acesso à cidade, além do acesso a escolas rurais e urbanas e universidades resultou no distanciamento das novas gerações com as demandas locais. O desinteresse pela própria cultura ou no engajamento comunitário preocupa lideranças comunitárias quanto ao futuro dos quilombos. Estes, contam com as pesquisas e os educadores locais para instigar nos jovens o sentimento de pertencimento e afirmação da identidade quilombola em crianças e jovens (Olegário; Prado, 2022).

COLETA, ANÁLISE E DISCUSSÃO DE DADOS

As saídas de campo que compuseram este trabalho etnográfico ocorreram entre julho de 2019 e julho de 2021, adaptadas ao cenário pandêmico COVID-19. Utilizou-se de entrevistas livres e semiestruturadas e a observação participativa para a coleta de dados (Bernard, 2006), de modo que a confiança e conforto fossem estabelecidos. O curso das entrevistas focaram no uso e percepção da fauna local (Ingold, 2021; Prado *et al.*, 2022). Porém, entre as gravações e durante a observação participante, foram identificadas frases, histórias e memórias que inspiraram reflexões sobre a cultura humana associada à biodiversidade a partir do *kosmos*, *corpus* e *práxis*: crença, conhecimento adquirido a partir da vivência e ações/tomada de decisões que caracterizam o comportamento respectivamente (Pauli *et al.*, 2016). Essa tríade compõe o conhecimento tradicional e articula diretamente com as ações de conservação

biocultural e fortalecimento identitário proposta neste artigo (Berkes 1999; Wengerd; Gilmore, 2022; Albuquerque *et al.*, 2024).

Os resultados são compostos por falas dos entrevistados e percepções da autora principal, registradas em caderno de campo (Magnani, 2002) e gravador. Estas, foram transcritas à direita e em aspas para discussões. Os temas como a uso da paisagem, coletividade, cultura, identidade e pertencimento foram estabelecidos através do processo de decupagem e articulado com a literatura etnobiológica e antropológica (Peirano, 1995; Hockings, 2003). A análise dos dados seguiu uma abordagem indutiva, na qual as categorias analíticas emergiram a partir da leitura dos relatos e registros de campo, priorizando os sentidos atribuídos pelos interlocutores em suas experiências com o território e a conservação (Bernard, 2006; Maso, 2001).

A abordagem e natureza deste trabalho, portanto, é qualitativa-antropológica, pois permeia a realidade social dos entrevistados em relação a cultura, cotidiano, memória social e epistemologias enraizadas nas suas relações com a paisagem (Bernard, 2006; Severino, 2007). Para além da integralização e soma aos planos de conservação, este artigo busca, através de considerações preliminares, refletir o fortalecimento das relações entre pesquisadores com a população local.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

IDENTIDADE QUILOMBOLA COMO RESISTÊNCIA POLÍTICA

Nesta primeira seção estão contidos relatos de dois antigos líderes comunitários de Pedro Cubas e Pedro Cubas de Cima. Ambos são atualmente conselheiro e conselheira em suas respectivas comunidades. As demandas locais, incluindo os direcionamentos das pesquisas que ocorrem dentro dos quilombos, são acenadas e autorizadas pelas pessoas que ocupam esta posição. É ético e esperado de pesquisadores e pesquisadoras que se estabeleça o compromisso para com a comunidade para que o projeto seja delineado de forma compartilhada e transparente (Rufino 2019).

Quando fui para a faculdade, ninguém queria que eu participasse dos grupos de pesquisa, porque a minha camiseta, escrita 'EducAfro', mostrava de onde eu vinha. Eu dizia ao professor: não tem problema, meu grupo é eu e Deus. (Seu Antônio, registro em caderno de campo, julho de 2021).

A identidade quilombola nas comunidades de Pedro Cubas e Pedro Cubas de Cima, manifesta-se como um eixo de resistência frente às pressões históricas de apagamento cultural e expropriação territorial. O relato de seu Antônio evidencia como o racismo em espaços urbanos fortalece o sentimento de pertencimento ao território rural e ancestral, configurando a identidade não apenas como categoria étnica, mas como prática política (Berkes, 1999). O orgulho do "ser quilombola", como reiterado nos relatos, representa um ato contínuo de resistência ao apagamento de sujeito e saberes negros e à invisibilização de modos plurais de existência (Bueno, 2024).

Alguns dos moradores, como seu Antônio e dona Diva, viveram parte de suas vidas fora da comunidade para estudar e trabalhar, simultaneamente. O racismo vivenciado dentro desses espaços, acentuado com empregos informais e de baixo salário também motivaram suas voltas para os quilombos, lembrando ainda, sua relação com território: “Na cidade você sempre vai trabalhar para alguém, no quilombo tudo o que você planta é seu. A terra sempre vai ser sua.” (Seu Antônio, registro em caderno de campo, julho de 2021).

Esta fala revela uma autonomia material e simbólica que o território quilombola proporciona, contrastando com a experiência vivenciada no contexto urbano. A fala de Seu Antônio ressoa com a noção de “identidade de resistência proposta” (Castells, 1999, p.8), onde sujeitos historicamente marginalizados constroem identidades a partir da negação e superação de opressões vividas. O território aqui não é apenas espaço físico, mas categoria vivida e performada diariamente (Berkes, 1999; Hanazaki, 2003). A relação direta com a terra, o cultivo e a ancestralidade reafirma a condição quilombola como prática de soberania, desafiando as imposições do modelo civilizatório na era do capitalismo (ou como Moore (2017) propõe, no Capitaloceno).

A partir da perspectiva do conhecimento tradicional, a identidade se articula com a tríade *kosmos*, *corpus* e *práxis* principalmente através de práticas territoriais, o que enfatiza ainda mais a necessidade de estar no quilombo e se sentir pertencente à ele (Toledo; Barrera-Bassols, 2015; Pauli *et al.*, 2016). A manutenção da identidade quilombola, portanto, depende do entrelaçamento desses três domínios, sendo inseparável das estratégias cotidianas de conservação e autonomia territorial (Pauli *et al.*, 2016; Cantalice *et al.*, 2024).

EDUCAÇÃO FORMAL, JUVENTUDE E CICLOS DE SUCESSÃO

A identidade quilombola e suas práticas sociobioculturais dependem, em grande parte, da transmissão intergeracional de saberes (Wengerd; Gilmore, 2022; Gavin *et al.*, 2015). Com as mudanças no acesso à educação, à urbanização e às tecnologias digitais (Andrade; Tatto, 2008; Olegário; Prado, 2022) as comunidades de Pedro Cubas e Pedro Cubas de Cima enfrentam atualmente um desafio: o desinteresse progressivo das novas gerações em assumir papéis de liderança ou se engajar em práticas tradicionais. A liderança nesse contexto vai além da representação política formal. Ela atua como mediadora de conflitos locais e articuladora de saberes intergeracionais (Rufino, 2019; Olegário; Prado, 2022). Dona Leide descreve a organização dos encontros políticos e o esvaziamento da participação dos mais jovens:

Sempre chamam a gente para ir falar num palco, na frente de muita gente. Vai gente do Brasil todo, eles pagam uma van para o Vale do Ribeira, aí a gente se junta para ver quem vai. Antes faltava vaga, hoje a gente até esquece de confirmar que vai. (Dona Leide, registro em caderno de campo, julho de 2021).

É atribuído também ao papel de liderança quilombola representar a comunidade em eventos políticos e institucionais, resolver conflitos internos e externos (associados à comunidade) e garantir os direitos e deveres dos moradores e moradoras. Um dos motivos do distanciamento da juventude frente às responsabilidades comunitárias é uma consequência das dificuldades concretas na implementação de um ensino que dialogue com a cultura e o saber local para que a escola supra essa demanda da comunidade.

Apesar de existirem as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola (CNE/CEBn. 8/2012) (Ministério da Educação, 2013), as escolas locais enfrentam desafios para abordar a história e cultura afro-brasileira no currículo (Andrade; Tatto, 2015; Olegário; Prado, 2022). Alguns deles estão associados a má condição das estradas que ligam as comunidades às escolas, a rotação anual de professores que limita projetos de longo prazo e falta do ensino diferenciado (Olegário; Prado, 2022). Estes cenários são vistos por Carneiro (2005) como “racismo epistêmico”, uma forma de negligência ao valor do saber, cultura e religiosidade negra como legítimos (Hollanda, 2020).

Por conta da pandemia, as aulas das escolas de Ensino Fundamental e Médio foram suspensas. Um ponto de Internet foi instalado na pequena Vila da comunidade de Pedro Cubas pouco antes do lockdown (2019), e isso auxiliou as crianças e jovens a assistirem às aulas. O sinal de celular dentro dos quilombos é inexistente, então uma empresa particular ofereceu serviços de Internet para algumas casas. Porém, durante os finais de tarde e à noite, a rua principal da vila era iluminada pelos celulares das crianças, assistindo vídeos, ouvindo músicas e interagindo em redes sociais. Ao lado, uma quadra de futebol e um gramado amplo, vazio e escuro, à espera de um momento de interação humana. Registro em caderno de campo (julho de 2021).

É importante ressaltar que a democratização do acesso a internet e outras tecnologias aumenta a autonomia das populações rurais, camponesas e tradicionais. Esta, segue como uma importante ferramenta política e na construção de figuras representativas da comunidade (Martínez Díaz, 2025). Por outro lado, as tecnologias da informação e comunicação acabaram por moldar os processos de socialização e aprendizagem, desmobilizando a luta pela valorização da cultura local (Redin, 2013; Schlindwein, 2021; Stampini, 2021; Martínez Díaz, 2025). A cena descrita aponta um deslocamento dos espaços de convivência e aprendizagem da coletividade para ambientes digitais individualizados. A “ausência” dos jovens nos espaços comunitários se reflete em ausência nos espaços decisórios (Olegário; Prado, 2022).

Portanto, o desafio não está apenas em “incentivar a juventude a participar”, mas em reconstruir as condições sociais, pedagógicas e afetivas que possibilitem o pertencimento. A sucessão quilombola não é apenas uma passagem de cargo, mas uma disputa simbólica por reconhecimento, memória e continuidade.

GÊNERO E LIDERANÇAS

A presença de mulheres no manejo de paisagem rompe com estereótipos historicamente construídos em torno da divisão sexual do trabalho (Foucault, 2020; Brandão; Alzuguir, 2022). Nas comunidades estudadas, elas não somente compartilham tarefas produtivas como a roça, mas também se destacam como detentoras dos saberes tradicionais (Haiala; Prado, 2022). São também lideranças, como por muitos anos foi Dona Diva, moradora de Pedro Cubas de Cima e mediadoras, como Salete, moradora de Pedro Cubas. Dona Diva, rememorou experiências da juventude de sua mãe em mutirões de caça, atividade frequentemente atribuída ao universo masculino. Ao narrar a estratégia usada por mulheres participantes de mutirões, ela revela um sistema colaborativo:

As mulheres também iam, ficavam às margens dos rios e se comunicavam por assobios quando o animal tava vindo. A gente atraía eles sempre para os rios, onde era mais visível e mais fácil de abater. Dona Diva, registro em caderno de campo (julho de 2021).

É característico de pequenas comunidades a união e partilha nas atividades de produção, como a roça, a pesca e a caça (Almeida, 2004; Thum, 2017; Ianovali, 2018). Os relatos de mutirões de caça para partilha do alimento são atribuídos por dona Diva como parte de sua juventude e aqui como parte da caracterização do histórico da caça local. Sua mãe a

levava para a roça e lhe contava as histórias das mulheres caçadoras. As técnicas de otimização da caça também foram compartilhadas, visto em Prado *et al.* (2022).

Esse tipo de narrativa contribui para desfazer binarismos rígidos entre homens e mulheres no que diz respeito à ocupação dos espaços ecológicos. Mais do que uma participação pontual, as mulheres atuam como transmissoras de memória e de práticas sustentáveis, muitas vezes deslocadas do olhar das políticas conservacionistas formais. Por outro lado, a divisão e atribuição de tarefas domésticas é feita às mulheres das comunidades, como limpeza e preparo do alimento, cuidados com os filhos e com o lar (Brandão; Alzuguir, 2022). As mulheres, neste contexto, não apenas tencionam estruturas de poder patriarcais, mas também expressam formas de representação baseadas nos saberes ecológicos locais (Berkes 1999) e na defesa coletiva do território (Hollanda, 2020; Bueno, 2024). Assim, as mulheres não apenas resistem, mas o fazem articulando saberes que sustentam a reprodução da vida em sua totalidade (humana e ecológica) (Hollanda, 2020; Ferdinand, 2022).

A valorização dos saberes femininos é central na manutenção da bioculturalidade. O uso da banha de caça, por exemplo, ultrapassa a dimensão alimentar e ganha sentidos estéticos e terapêuticos, como ilustra novamente Dona Diva:

A banha é boa para tudo. Eu passava nas pernas para hidratar, usava também para abaixar o volume do meu cabelo. Quando eu era criança, eu não podia usar o cabelo solto, então eu prendia e passava a banha para não chamar a atenção. Hoje, eu uso lenços, principalmente em eventos de quilombos do Brasil todo. (Dona Diva, registro em caderno de campo, julho de 2021).

As tranças africanas possuem características e especificidades de cada nação que as detém, carregando simbologias ancestrais apagadas pelo tráfico atlântico de escravizados e ressignificadas pelo processo de decolonização (Rufino, 2019; Ferdinand, 2022). Como forma de expressar suas raízes de liberdade, o cabelo trançado reforça a identidade preta (Santos, 2019; Rolim, 2021). Associado ao contexto histórico de formação do Vale do Ribeira, é vital reconhecer as tranças como traço identitário dessas comunidades (Rufino, 2019; Santos, 2019). Como explicita Rolim (2021):

Os costumes foram sendo passados de geração em geração, as tranças em sua terra de origem tinha diversos significados como: posição social, status, etnia e crença. De diversas localidades da África, hoje são herança de uma cultura que resistiu para sobreviver (Rolim, 2021, p. 01).

A referência ao cabelo preso e ao uso da banha como cuidado estético é, ao mesmo tempo, consequência do racismo estrutural e resistência simbólica. Povos racializados e de cabelos

cacheado, crespo e volumoso sofrem discriminação em contextos sociais e são pressionados a esconder ou alterar suas características naturais em prol de um padrão eurocêntrico (Aguiar; Costa, 2021) As tranças e turbantes, como símbolos ancestrais, que resistiram ao colonialismo e hoje constituem marcas identitárias de afirmação racial e decolonial (Rufino, 2019; Rolim, 2021).

As mulheres nas comunidades de Pedro Cubas e Pedro Cubas de Cima também se comprometem com questões além sociais. Alertam para os riscos da mercantilização do território e da vulnerabilidade ambiental:

Eu já falei e continuo falando para os moradores de Pedro Cubas e Pedro Cubas de cima, não mostrem a mata para o pessoal de fora, mesmo que deem dinheiro. Se não, iremos perder o nosso direito - da caça para subsistência. (Dona Diva, registro em caderno de campo, julho de 2021).

De como a contextualizar a fala de Dona Diva, a construção da vila na comunidade de Pedro Cubas também coincidiu com a construção de estradas que dão acesso ao bairro de Batatal (acesso a balsa Eldorado-Quilombos PC e PCC) e posteriormente ao município de Eldorado (Prado; Murrieta, 2018; Olegário; Prado, 2022). Com isso, a população externa à comunidade teve adentra com facilidade aos quilombos, abrindo margem para a caça ilegal.

Essa fala explícita o entrelaçamento entre gênero, território e agência política. As mulheres não apenas praticam e transmitem saberes, mas também estabelecem limites sobre o uso da paisagem no coletivo. Como destacam Souza & Prado (2022), compreender mulheres quilombolas como sujeitos epistêmicos é condição fundamental para políticas de conservação mais justas. A fala aqui apresentada confirma que a paisagem, para essas mulheres, não é apenas recurso: é também corpo-território. Este papel de guardião não é atribuído somente às mulheres, mas é percebido nos moradores enquanto lideranças. Seu Antônio, entre falas semelhantes, compreende a caça como atividade que caracteriza a bioculturalidade do Vale do Ribeira, mas compreende a mudança na paisagem conforme as décadas (Wengerd; Gilmore, 2022; Prado *et al.*, 2022).

As memórias e simbologias atribuídas ao gênero, fazem parte do discurso de Dona Diva e demais mulheres da comunidade, afirmando espaços de coletividade em contextos do passado e do presente, mesmo com as diferentes dinâmicas que as comunidades se encontram atualmente (Haiala; Prado, 2022; Prado *et al.*, 2022; Souza; Prado, 2022). Reconhecer esse potencial protagonismo é essencial para ampliar os espaços de participação política e cultural das mulheres nas comunidades. Trata-se de criar condições para que as jovens vejam nas mais velhas não apenas

figuras do passado, mas referências vivas para afirmar suas trajetórias enquanto mulheres quilombolas (Hollanda, 2020).

CONSIDERAÇÕES A CONSERVAÇÃO BIOCULTURAL

No contexto de luta contra premissas do imperialismo ecológico desta era do capital, as comunidades remanescentes de quilombos se configuram resistência política e ecológica (Moore, 2014; Iglesias-Rios, 2015). As práticas ainda persistentes nesses territórios (não somente no Vale do Ribeira) afirmam uma ética ambiental contra hegemônica, enraizada em relações de pertencimento, cuidado e reprodução da vida, não apenas humana (Toledo; Barrera-Bassols, 2015; Pauli *et al.*, 2016). Suas práticas cotidianas se tornam estratégias concretas de conservação da biodiversidade e enfrentamento da lógica predatória do desenvolvimento.

Ainda que se compreenda práticas tradicionais como a caça, a roça e a pesca como subsistência ou de geração de renda para justificar o uso da paisagem, é importante compreender também as dimensões culturais e afetivas que envolvem essas atividades (Bourdieu, 1983; Hunn, 2007; Prado *et al.*, 2022). Uma vez que essas práticas compõem o modo de vida dessas populações e expressam um conhecimento ecológico associado (Berkes, 1999), não necessariamente geram produtos finais ou possuem cunho utilitarista, principalmente dentro da conservação (Hunn, 2007).

A problemática de generalizar a atribuição de valor (econômico/de capital) para justificar a expressão do ser (Moore, 2017; Iglesias-Rios, 2019) causa-se o distanciamento dos objetivos que a Etnobiologia atualmente preza: decolonizar instituições e processos (Martinelli; Euzébio, 2022). O caminho para esta desconstrução se dá pela proteção das práticas com vieses criativos, místicos, religiosos, simbólicos ou simplesmente satisfatórios. Junto à essas práticas, têm-se a valorização dos conhecimentos implícitos à elas, tomados enquanto alicerce na luta identitária, na proteção do território e na justiça ambiental (Hunn, 2007; Rufino, 2019; Prado *et al.*, 2022).

Pedro Cubas e Pedro Cubas de Cima, área de forte de conflito de interesses sobre extrativistas como mineração, hidrelétricas e desmatamento (Rougemont; Gomes, 2011; Domingues, 2014; Ministério Público Federal, 2024). Com isso, as lideranças e os órgãos de fiscalização ambiental locais devem sempre estar atentos às práticas realizadas por moradores e pessoas externas, como explicitado no tópico anterior.

Enquanto eu, o professor e Marco andava pela mata para ir até a ceva - Local onde um punhado de sal ou de frutas era deixado para atrair mamíferos de médio porte, a fim de otimizar a caça (Prado et al., 2022) -, nos deparamos com uma árvore de casca avermelhada. Marco cortou com seu facão (que sempre leva no cinto de sua calça) um pedaço da casca, dizendo que uma moradora de Pedro Cubas de Cima tinha uma filha com fortes dores nas pernas, e que o chá da casca desta árvore poderia lhe ajudar. O pai de Marco era curandeiro, então muitos ensinamentos foram herdados, apesar de não se intitular dessa forma. (Registro em caderno de campo, julho de 2019).

A medicina tradicional, abordada nas fases iniciais de estudos Etnobiológicos, abrangia dentre outras temáticas o uso das ervas, emprego de curandeiros e benzedeiros (Hunn, 2007). A transmissão oral de saberes etnomedicinais ilustra como a conservação biocultural não se reduz à proteção da fauna ou flora, mas envolve relações de cuidado coletivo a partir de uma realidade que se insere no sujeito (Toledo; Barrera-Bassols, 2015; Pauli *et al.*, 2016; Wengerd; Gilmore, 2022). Marco, de aproximadamente 75 anos, é um dos moradores mais isolados da comunidade de Pedro Cubas de Cima. É filho de um dos últimos curandeiros de ambas comunidades, profissão desvanecida assim como as parteiras (Souza; Prado, 2022).

A valorização desses saberes que não servem ao capital através da soma nos planos de conservação pode promover elementos centrais para a reprodução material e simbólica das comunidades nas próximas gerações (Moore, 2017; Albuquerque *et al.*, 2024). Ainda, é nesse sentido que a Etnobiologia, enquanto campo crítico e de interface entre Ciências Naturais e Humanas, ganha potência política. Ela se apresenta como aliada na produção de estratégias decoloniais de gestão, que não apenas reconhecem os saberes locais, mas os colocam como centrais nas tomadas de decisão (McAlvay et al., 2021; Albuquerque et al., 2024).

Ao privilegiar a escuta dos povos quilombolas e o reconhecimento de suas epistemologias, abre-se caminho para uma ciência comprometida com a transformação. Uma conservação não deve operar pela negação da presença humana, mas pelo seu enraizamento ético, afetivo e histórico no território. Esta chamada, confere a gestão política e ambiental “de perto e para dentro” (Magnani, 2002; 2009; Moore, 2017; McAlvay et al., 2021)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As discussões realizadas ao longo deste trabalho mostraram como as práticas tradicionais dessas comunidades estão profundamente enraizadas em uma lógica biocultural, onde o manejo da paisagem é também manejo da vida coletiva. Através da escuta das lideranças, das mulheres e da juventude, ficou evidente que estes pequenos trechos compartilhados sobre os modos de vida quilombolas confrontam o modelo conservacionista hegemônico, ainda pautado por valores

capitalocêntricos. A adoção da perspectiva do *kosmos corpus* e *práxis* permite compreender que as práticas de conservação e de uso do território se estruturam a partir de crenças, saberes e ações situadas. Essa tríade reafirma o valor dos conhecimentos produzidos pelas populações negras rurais como fundamentos legítimos para o planejamento territorial. A articulação entre os registros empíricos e as referências teóricas exploradas neste artigo revela que as práticas culturais das comunidades quilombolas do Vale do Ribeira são indissociáveis das relações territoriais e ecológicas que sustentam modos de vida singulares. Do uso medicinal da flora ao cuidado estético com a banha de caça, das estratégias femininas e coletivas, o que emerge é um saber plural, afetivo e político.

Em uma nação onde a natureza é convertida em recurso e os territórios tradicionais em mercadorias, as vozes quilombolas reivindicam o direito ao autogoverno e à existência plena. Este artigo apresenta a juventude quilombola, embora atravessada por tensões entre escola, urbanidade e tradição, ainda encontra nas lideranças e nas práticas cotidianas caminhos possíveis para afirmar sua identidade.

Ao incorporar conhecimentos locais dentro de tomadas de decisões que alicerçam o direito ao território e bem viver, o olhar científico é também desafiado a experienciar puramente as práticas e culturais do local de desenvolvimento de suas pesquisas (Hanazaki, 2003; Lévi-Strauss, 2012; Prado *et al.*, 2022). Compreender as práticas, vivenciar o cotidiano e criar um sentimento de vínculo com as populações humanas envolvidas em pesquisas científicas é somar na luta de povos historicamente marginalizados (Rufino, 2019). Concluir este estudo não é apenas fechar uma reflexão etnobiológica, é renovar o chamado por uma ciência crítica que se comprometa com as chamadas epistemologias contra-hegemônicas e com a transformação concreta da realidade. Uma ciência que não apenas escute, mas caminhe junto com os povos quilombolas “de perto e para dentro”.

REFERÊNCIAS

Adams, Cristina. *et al.* Diversifying incomes and losing landscape complexity in Quilombola shifting cultivation communities of the Atlantic rainforest (Brazil). **Human Ecology**, v. 41, p. 119-137, 2013. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s10745-012-9529-9>. Acesso em: 16 jun. 2025.

Aguiar, Josimeire Ferreira de; Costa, Cândida Soares da. A trajetória emancipatória do cabelo crespo: racismo, “boa aparência”, transição capilar e a afirmação da identidade negra. **Raído**, Dourados, v. 15, n. 37, p. 51–68, 2021. DOI: 10.30612/raido.v15i37.14640. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/Raido/article/view/14640>. Acesso em: 3 Fev. 2025.

Albuquerque, Ulysses. Paulino. *et al.* Advancing ethnobiology for the ecological transition and a more inclusive and just world: a comprehensive framework for the next 20 years. **Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine** v. 20, n. 18, p. 1-9, 2024. DOI: <https://doi.org/10.1186/s13002-024-00661-4>. Disponível em: <https://ethnobiomed.biomedcentral.com/articles/10.1186/s13002-024-00661-4>. Acesso em 16 jun. 2025.

Almeida, Alfredo Wagner Berno de. Terras tradicionalmente ocupadas: processos de territorialização, movimentos sociais e uso comum. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**, v. 6, n. 1, 2004. DOI: <http://dx.doi.org/10.22296/2317-1529.2004v6n1p9>. Disponível em: <https://rbeur.anpur.org.br/rbeur/article/view/102/86>. Acesso em: 21 maio 2025.

Andrade, Anna Maria de Castro; Tatto, Nilto Ignácio. **Inventário Cultural de Quilombos do Vale do Ribeira**. São Paulo: Instituto Socioambiental, 2015. Disponível em: <https://acervo.socioambiental.org/acervo/publicacoes-isa/inventario-cultural-de-quilombos-do-vale-do-ribeira>. Acesso em 16 jun. 2025.

Berkes, Fikret. **Sacred Ecology: Traditional Ecological Knowledge and Resource Management**. Philadelphia: Taylor & Francis, 1999.

Bernard, H. Russel. **Research Methods in Anthropology: qualitative and quantitative approaches**. 1 ed. Lanham: AltaMira Press, 2006.

Bourdieu, Pierre; Richardson, John G. (ed.). **Handbook of Theory and Research for the Sociology of Education**. Bloomsbury Publishing PLC. 1986.

Brandão, Elaine Reis; Alzuguir, Fernanda de Carvalho Vecchi. **Gênero e saúde: uma articulação necessária**. Editora Scielo. Fiocruz, 2022.

Bueno, Enrico. O feminismo negro contra a injustiça epistêmica: um estudo das abordagens de Sueli Carneiro e Patricia Hill Collins. **Civitas: Revista de Ciências Sociais**, Anápolis, v. 24, n. 1, Mar. 2024. DOI: <https://doi.org/10.15448/1984-7289.2024.1.44575>. Disponível em: https://www.scielo.br/j/civitas/a/GsdnLdHgtCWWVVsCcfbThxH/abstract/?lang=pt&utm_source=chatgpt.com. Acesso em: 16 jun. 2025.

Cantalice, Aníbal Silva *et al.* Conceitos-chave em etnobiologia aplicada à conservação da natureza. In Albuquerque, Ulysses. Paulino. (ed.). **Etnobiologia e gestão de recursos da sociobiodiversidade: conceitos, práticas e desafios**. 1ed. Bauru, SP: Canal 6 Editora, 2024. DOI: 10.52050/9788579176647. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Ulysses-Albuquerque/publication/382190145_Etnobiologia_e_gestao_de_recursos_da_sociobiodiversidade_conceitos_praticas_e_desafios/links/669140ceaf9e615a15e2c55f/Etnobiologia-e-gestao-de-recursos-da-sociobiodiversidade-conceitos-praticas-e-desafios.pdf#page=11. Acesso em 16 jun. 2025.

Castells, Manuel. **O poder da identidade**. p. 8. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

Domingues, Edson. Trabalho semi escravo, prostituição infantil, confrontos: a guerra no Vale do Ribeira contra uma hidrelétrica. **Geledés – Instituto da Mulher Negra**, São Paulo, 22 Fev. 2014. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/trabalho-semi-escravo-prostituicao-infantil-confrontos-a-guerra-no-vale-do-ribeira-contra-uma-hidreletrica/>. Acesso em: 21 maio 2025.

Duarte, Constância Lima; Nunes, Isabella Rosado (org). **Escrevivência**: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. 1. ed. Rio de Janeiro. Mina Comunicação e Arte, 2020. Disponível em: <https://www.itausocial.org.br/wp-content/uploads/2021/04/Escrevivencia-A-Escrita-de-Nos-Conceicao-Evaristo.pdf>. Acesso em: 16 jun. 2025.

Ferdinand, Malcom. **Uma ecologia decolonial**: pensar a partir do mundo caribenho. Ubu Editora, 2022.

Foucault, Michael. **História da sexualidade 1**: a vontade de saber. 16. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2020.

Gagnon, Catherine. A.; Berteaux, Dominique. Integrating traditional ecological knowledge and ecological science: a question of scale. **Ecology and Society**, v. 14, n. 2, p. 1-26. Dez. 2009. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/26268305>. Acesso em 15 jun. 2025.

Gavin, Michael C. *et al.* Defining biocultural approaches to conservation. **Trends in Ecology & Evolution**, v. 30, n. 3, p. 140–145, 2015. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.tree.2014.12.005>. Disponível em: [https://www.cell.com/trends/ecology-evolution/abstract/S0169-5347\(15\)00002-6?cc=y%3D&_returnURL=http%3A%2F%2Flinkinghub.elsevier.com%2Fretrieve%2Fpii%2FS0169534715000026%3Fshowall%3Dtrue](https://www.cell.com/trends/ecology-evolution/abstract/S0169-5347(15)00002-6?cc=y%3D&_returnURL=http%3A%2F%2Flinkinghub.elsevier.com%2Fretrieve%2Fpii%2FS0169534715000026%3Fshowall%3Dtrue). Acesso em: 16 jun. 2025.

Haijala, Leticia Assis; Prado, Helbert. Medeiros. A mulher e a roça: memórias e conhecimentos quilombolas no Vale do Ribeira. In Prado, H. M.. **Etnoecologias quilombolas e ribeirinhas**: práxis na paisagem e saberes ambientais na Mata Atlântica e Amazônia. 1 ed., Appris, 2022.

Hanazaki, Natália. Comunidades, conservação e manejo: o papel do conhecimento ecológico local. **Biotemas**, v. 16, n. 1, p. 23-47, Jun. 2003. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/biotemas/article/view/22089/20037>. Acesso em: 16 jun. 2025.

Hockings, Paul (org.). **Principles of visual anthropology**. 3. ed. Berlin: Mouton de Gruyter, 2003.

Holbraad, Martin; Pedersen, Morten Axel. **The ontological turn**: an anthropological exposition. Cambridge University Press, 2017.

Hollanda, Heloísa Buarque. (org.). **Pensamento feminista hoje**: perspectivas decoloniais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

Hunn, Eugene. Ethnobiology in Four Phases. **Journal of Ethnobiology** v. 27, n.1, 2007. p.1–10. DOI: [https://doi.org/10.2993/0278-0771\(2007\)27\[1:EIFP\]2.0.CO;2](https://doi.org/10.2993/0278-0771(2007)27[1:EIFP]2.0.CO;2). Disponível em: https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.2993/0278-0771_2007_27_1_eifp_2.0.co_2. Acesso em 16 jun. 2025.

Ianovali, Daniela. *et al.* Produtividade agrícola e mudanças socioculturais: a agricultura quilombola no Vale do Ribeira-SP Brasil. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, v. 49, p. 221-238, Ago. 2018. DOI: <https://doi.org/10.5380/dma.v49i0.54697>. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/made/article/view/54697/37466>. Acesso em: 16 jun. 2025.

Iglesias-Rios, Ricardo. **Capitaloceno**: a era da barbárie. 1 ed. Rio de Janeiro. Yellow Carbo Design e Publishing, 2019.

Ingold, Tim. **The perception of the environment**: essays on livelihood, dwelling and skill. routledge, 2021.

ISA. Inventário cultural de quilombos do Vale do Ribeira. **Instituto Socioambiental (ISA)**, 1998. Disponível em: <https://acervo.socioambiental.org/sites/default/files/documents/22D00058.pdf>. Acesso em: 16 jun. 2025.

Lévi-Strauss, Claude. **Pensamento Selvagem**. Papirus Editora, 1990.

Magnani, José Guilherme Cantor. Etnografia como prática e experiência. **Horizontes Antropológicos**, v. 15, n.32, p. 129–156, 2009 DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-71832009000200006>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ha/a/6PHBfP5G566PSHLvt4zqv9j/?format=html&lang=pt>. Acesso em 16 jun. 2025.

Magnani, José Guilherme Cantor. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista brasileira de ciências sociais**, v. 17, n. 49 p. 11-29, Jun. 2002. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-69092002000200002>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/KKXt4zRfvVWbkbgsfQD7ytJ/>. Acesso em 16 jun. 2025.

Martinelli, Bruno Marangoni; Euzébio, Umberto. Contribuições do pensamento decolonial sobre a ciência e sua práxis no contexto de povos e comunidades tradicionais. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, v. 60, p. 214-232 Ago. 2022. DOI: <https://doi.org/10.5380/dma.v60i0.78111>. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/made/article/view/78111/46891>. Acesso em 16 jun. 2025.

Martínez Díaz, Yurani. The Unintended Consequences of Internet Expansion in Indigenous Communities: A Cultural Disruption in Colombia. In: **EDULEARN25 – 17th International Conference on Education and New Learning Technologies**, 30 June–2 July 2025, Palma, Spain. Palma de Mallorca: IATED Academy, 2025. p. 7425-7434. ISBN 978-84-09-74218-9. DOI: 10.21125/edulearn.2025.1827. Disponível em: <https://library.iated.org/view/MARTINEZDIAZ2025UNI?>. Acesso em: 3 Fev. 2026.

Maso, Ilja. Phenomenology and ethnography. In **Handbook of ethnography**. SAGE Publications Ltd, p. 136-144, 2001.

McAlvay, Alex. C. *et al.* Ethnobiology phase VI: decolonizing institutions, projects, and scholarship. **Journal of Ethnobiology**, v. 41, n. 2, p. 170-191, 2021. DOI: <https://doi.org/10.2993/0278-0771-41.2.170> Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/full/10.2993/0278-0771-41.2.170>. Acesso em: 16 jun. 2025.

Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica**. 1. ed. Brasília: MEC, 2013. p. 424-440.

Ministério Público Federal. MPF pede que Justiça suspenda mineração em território quilombola no Vale do Ribeira (SP). **Procuradoria da República em São Paulo**, São Paulo, Ago. 2024. Disponível em: <https://www.mpf.mp.br/sp/sala-de-imprensa/noticias-sp/mpf-pede-que-justica-suspenda-mineracao-em-territorio-quilombola-no-vale-do-ribeira-sp>. Acesso em: 21 maio 2025.

Moore, Jason. W. The capitalocene. Part I: On the Nature & Origins of Our Ecological Crisis, v. 44, n. 2, p. 594-630, Mar. 2017. **The Journal of Peasant Studies**. DOI: <https://doi.org/10.1080/03066150.2016.1235036>. Disponível em: https://www.tandfonline.com/doi/pdf/10.1080/03066150.2016.1235036?casa_token=iB5XkruLpf4AAAAA:QPFCU6iKIwZ2xmQh6WJ3_4vfQdBGy6xhfUDMoYYra54sBBvkp_gQ__gX7y3GIV9-7XNFM5IjYJlwOc. Acesso em: 16 jun. 2025.

Olegário, Manoela; Prado, Helbert Medeiros. Saber local e ensino formal: percepções quilombolas e tensões ontológicas em perspectiva (Vale do Ribeira) In Prado, H. M.. **Etnoecologias quilombolas e ribeirinhas: práxis na paisagem e saberes ambientais na Mata Atlântica e Amazônia**. 1 ed., Appris, 2022.

Pauli, Natasha. *et al.* Farmers' knowledge and use of soil fauna in agriculture: a worldwide review. **Ecology and Society**, v. 21, n. 3, Set. 2016. DOI: <http://dx.doi.org/10.5751/ES-08597-210319>. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/26269977>. Acesso em: 16 jun. 2025.

Peirano, Marisa. C. **A favor da etnografia**. Relume Dumará, Rio de Janeiro, 1995.

Prado, Helbert Medeiros *et al.* Etnografia e história natural: narrativas sobre caça e ecologia entre quilombolas no Vale do Ribeira. In Prado, H. M.. **Etnoecologias quilombolas e ribeirinhas: práxis na paisagem e saberes ambientais na Mata Atlântica e Amazônia**. 1 ed., Appris, 2022.

Prado, Helbert Medeiros *et al.* Ethnography, ethnobiology and natural history: narratives on hunting and ecology of mammals among quilombolas from Southeast Brazil. **Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine**, v. 16, n. 9, p. 1-14, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1186/s13002-020-0359-3>. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1186/s13002-020-0359-3>. Acesso em 16 jun. 2025.

Prado, Helbert Medeiros; Murrieta, Rui Sergio Sereno. The role of Swidden cultivation in shaping ethnozoological knowledge: integrating historical events and intergenerational analyses among quilombolas from Southeast Brazil. **Journal of Ethnobiology**, v. 38, n. 3, p. 297-313, 2018. DOI: <https://doi.org/10.2993/0278-0771-38.3.297>. Disponível em: <https://doi.org/10.2993/0278-0771-38.3.297>. Acesso em: 16 jun. 2025.

Prado, Helbert Medeiros. Quilombolas do Vale do Ribeira. **Ciência Hoje**, Rio de Janeiro, v. 58, n.343, p. 33-37, 2016.

Queiroz, Renato da Silva. **Caipiras negros no Vale do Ribeira**: um estudo de antropologia econômica. EdUSP, 2006.

Redin, Ezequiel. *et al.* Juventude rural e novas formas de sociabilidade mediadas pelas TICs. **Signos do Consumo**, São Paulo, v. 5, n. 2, p. 225–244, 2013. Disponível em: <https://revistas.usp.br/signosdoconsumo/article/view/76390>. Acesso em: 21 maio 2025.

Rolim, Maria Rita. Tranças: além da estética, uma forma de sobrevivência. **Em Pauta**, Pelotas, 25 ago. 2021. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/empauta/trancas-alem-da-estetica-uma-forma-de-sobrevivencia/>. Acesso em: 30 jan. 2026.

Rougemont, Laura dos Santos; Gómez, Jorge R. Montenegro. A usina hidrelétrica de Tijuco Alto (Vale do Ribeira) no contexto dos conflitos gerados pela construção de barragens. **Pegada – A Revista da Geografia do Trabalho**, Presidente Prudente, v. 12, n. 2, 2011. DOI: <https://doi.org/10.33026/peg.v12i2.922>. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/pegada/article/view/922/1057>. Acesso em: 21 maio 2025.

Rufino, Luiz. **Pedagogia das encruzilhadas**. Editora Mórula, 2019.

Santos, Katia M. Pacheco; Tatto, Nilto. Agenda Socioambiental de Comunidades Quilombolas do Vale do Ribeira. **Instituto Socioambiental**, 1 ed., 2008.

Santos, Luane Bento. Entre tramas e adornos: o legado africano de trançar cabelos por uma perspectiva do patrimônio cultural. **Repecult: Revista Ensaios e Pesquisas em Educação e Cultura**, v. 4, n. 6, p. 1–15, Nov. 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufrj.br/index.php/repecult/article/view/494>. Acesso em: 22 maio 2025.

Schлиндwein, Marcelo Nivert. **O meteoro bípede**: crônica sonora do silencioso massacre inconsequente da biodiversidade. 1 ed. São Carlos: EDUFSCAR, 2021.

Severino, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23 ed., Cortez, 2007.

Souza, Tamires Lima de; Prado, Helbert Medeiros. Tabus e Ecologia Simbólica entre mulheres quilombolas e ribeirinhas (Vale do Ribeira e Amanã). In Prado, Helbert Medeiros. **Etnoecologias quilombolas e ribeirinhas**: práxis na paisagem e saberes ambientais na Mata Atlântica e Amazônia. 1 ed., Appris, 2022.

Stampini, Andreza Teixeira Guimarães. A socialização digital e o projeto de vida dos jovens rurais em um pequeno município de base agrícola do interior de Minas Gerais 192 f. Dissertação (Mestrado em Economia Doméstica) – **Universidade Federal de Viçosa**, Viçosa, 2021. Disponível em: <https://locus.ufv.br/handle/123456789/29763>. Acesso em: 21 maio 2025.

Tatto, Nilto.; Gazetta, Clodoaldo Armando. Recuperando as matas ciliares do Vale do Ribeira. **Cílios do Ribeira**. Abr. 2009. Disponível em: <https://ciliosdoribeira.org.br/sites/ciliosdoribeira.org.br/files/arquivos/cartilha.pdf>. Acesso em 16 jun. 2025.

Thum, Carmo. Povos e Comunidades Tradicionais: aspectos históricos, conceituais e estratégias de visibilidade. **Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, v. 0, p. 162–179, 2017. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/remea/article/view/6899/4547>. Acesso em: 21 maio 2025.

Toledo, Victor. M.; Barrera-Bassols, Narciso. **A memória biocultural**: a importância ecológica das sabedorias tradicionais. 1 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2015.

Twyman, Chasca. Community-based natural resource management. In **International encyclopedia of geography: people, the earth, environment and technology**. 2017. DOI: <https://doi.org/10.1002/9781118786352.wbieg0630>. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1002/9781118786352.wbieg0630>. Acesso em 16 jun. 2025.

Wengerd, Nicole, Gilmore, Michael P. A biocultural approach to navigating conservation trade-offs through participatory methods. **Ecology and Society** v. 27, n. 3 p. 43, 2022. DOI: <https://doi.org/10.5751/ES-13273-270343>. Disponível em: <https://ecologyandsociety.org/vol27/iss3/art43/>. Acesso em: 16 jun. 2025.

Wolverton, Steve *et al.* Ethnobiology, Political Ecology, and Conservation. **Journal of Ethnobiology** v. 34, n. 2, p. 125–152, 2014. DOI: <https://doi.org/10.2993/0278-0771-34.2.125>. Disponível em: https://journals.sagepub.com/doi/full/10.2993/0278-0771-34.2.125?casa_token=UUCMVJ5G6EoAAAAA%3A7UC_g9_2s9gq3Dz0WJrzPcvUNzsAqA2sPS4A5FMcwpsyKcw69NFESIrBAGmIUfCqegAjoifcGZUAaUQ. Acesso em: 15 jun. 2025.

Submissão em: 30/06/2025

Aprovação em: 29/01/2026